

O que fazer e o que não fazer para engajar homens e rapazes

Que deve fazer e não fazer ao engajar homens e rapazes na promoção da saúde e da igualdade de gênero? Este recurso reúne melhores práticas recentes e lições aprendidas para o engajamento masculino entre as áreas da saúde. Destina-se a informar a tomada de decisão sobre programas, políticas, cobertura mediática e prioridades de financiamento.

Porque deve engajar homens e rapazes? Porque têm as suas próprias necessidades e vulnerabilidades de saúde distintas, e porque o engajamento dos homens pode beneficiar todos, incluindo mulheres e raparigas. A realidade é que as desigualdades no valor social, poder e oportunidades de homens e mulheres proporcionaram aos homens muitas vantagens, enquanto, ao mesmo tempo, os homens são desproporcionalmente afetados por muitos desafios de saúde (por exemplo, homicídio, abuso de álcool). Enfrentar ambas as questões requer um equilíbrio cuidadoso e a orientação abaixo procura fornecer sugestões práticas sobre como fazer isto.



Adaptado de Greene, Mehta, Pulerwitz, et al. 2006



O QUE FAZER Reconhecer e atender às necessidades distintas dos homens.

- Envolver homens e rapazes de formas que reconheçam e atendam às suas necessidades únicas, como clientes, parceiros e agentes de mudança.
- Não negligencie homens e rapazes como clientes, inclusive em programas de saúde reprodutiva. Homens acedem frequentemente aos serviços de saúde mais tarde que o recomendado (inclusive para HIV/IST), o que pode levar a resultados adversos e altas taxas de mortalidade.
- Leve em consideração os altos índices de violência, depressão e abuso de substâncias que os homens sofrem, ligados a normas prejudiciais em torno da masculinidade. Idealmente, procure prevenir estas experiências, através de intervenção e reforma legal/política.



O QUE NÃO FAZER Engajar os homens às custas das mulheres.

- Garanta que os esforços de engajamento masculino não comprometam a segurança e a capacidade das mulheres de tomar decisões e aceder aos serviços. Acompanhe isto com cuidado.
- Preste atenção especial a qualquer aumento potencial na violência de gênero; conheça vias de encaminhamento para fornecer suporte adequado a sobreviventes.
- Forneça formação de equipa suficiente, incluindo formação de atualização, sobre a melhor forma de equilibrar o envolvimento de homens e mulheres e monitorizar programas para garantir que as mulheres não sejam deixadas de fora.



O QUE FAZER Procurar transformar relações e normas de gênero prejudiciais.

- Reconheça que algumas normas e dinâmicas de gênero comuns são prejudiciais.
- Implemente programas que procuram explicitamente mudar as normas de gênero, chamados de programação "transformativa de gênero", que são mais eficazes na melhoria dos resultados de saúde do que aqueles que não o fazem (ver link para recursos no verso). Investir na transformação das normas de gênero também pode ser económico e melhorar a sustentabilidade do programa.
- Envolver os homens na prestação de cuidados como um poderoso ponto de entrada para transformar as relações e normas de gênero.



O QUE NÃO FAZER Desconsiderar as barreiras estruturais que os homens enfrentam ao aceder a serviços de saúde.

- Garanta privacidade, conveniência (por exemplo, horários após o expediente) e um ambiente acolhedor (por exemplo, equipa preparada para receber homens). Tal como outros clientes, os homens precisam de opções e informações que atendam às suas necessidades.
- Não presuma que as unidades de saúde são necessariamente o melhor lugar para fornecer serviços de saúde. Frequentemente, serviços baseados na comunidade podem alcançar melhor os homens.
- Defenda uma mudança de política que derrube as barreiras estruturais que impedem os homens de aceder aos serviços.



O QUE FAZER Recolher evidências com homens e rapazes (e não apenas com mulheres e raparigas).

- Fale diretamente com homens e rapazes, além de mulheres e raparigas, ao elaborar um programa/ política de engajamento masculino ou avaliar os seus efeitos.
- Procure entender os tipos de questões levantadas nesta lista de O QUE FAZER e O QUE NÃO FAZER: por exemplo, a diversidade e as necessidades ao longo do curso da vida, as barreiras estruturais para aceder a serviços e o impacto da transformação das normas de género.
- Certifique-se de que todas as pesquisas seguem padrões éticos, especialmente em torno de assuntos delicados, como a violência nas relações.
- Use as ferramentas e medidas de pesquisa já disponíveis, sempre que possível.



O QUE NÃO FAZER Começar a pressupor que todos os homens são os maus da fita.

- É contraproducente ter suposições negativas sobre os homens como um grupo, mesmo que os homens que se envolvem em comportamentos prejudiciais, como a violência entre parceiros íntimos, devam ser responsabilizados.
- Encontre e amplifique as vozes dos homens que apoiam a igualdade de género e daqueles que estão a mudar positivamente.
- Envolver homens e rapazes no reconhecimento de como as normas masculinas restritivas afetam negativamente a sua própria saúde e bem-estar, bem como os de parceiras íntimas, filhos e famílias, e como o afastamento destas normas pode beneficiar todos.



O QUE FAZER Começar desde cedo no curso da vida.

- Comece a construir normas de género equitativas na infância para promover uma tomada de decisão mais saudável mais tarde na vida. Mensagens sobre os papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres são internalizadas desde o início da vida.
- Garanta o acesso de rapazes e jovens adultos a mentores que endossem as normas de género equitativas e modelem comportamentos saudáveis.
- Implemente intervenções baseadas em evidências para prevenir e abordar a exposição das crianças a experiências adversas como violência e trauma, que são comuns entre rapazes e raparigas. Estas experiências afetam os resultados de saúde dos homens e das suas parceiras íntimas mais tarde na vida.



O QUE NÃO FAZER Negligenciar a diversidade de homens e rapazes na população.

- Desenhe programas e atividades para refletir as dimensões críticas da diversidade dos homens, como identidade de género, orientação sexual, raça/etnia, paternidade, classe, religião/fé e idade.
- Intervenha durante momentos de transformação na vida de homens e rapazes (por exemplo, puberdade, graduação escolar, casamento, paternidade), quando as suas necessidades e perspetivas estiverem a mudar.



O QUE FAZER Engajar os homens sozinhos e em grupos de homens, bem como com as mulheres.

- Considere a implementação de grupos exclusivamente masculinos como espaços para os homens considerarem as normas de género prejudiciais e os benefícios da mudança, bem como para discutir livremente tópicos delicados, expressar preocupações, praticar comunicação saudável e procurar aconselhamento.
- Evite envolver APENAS homens em espaços exclusivamente masculinos, o que pode reforçar as normas de género não equitativas. Garanta oportunidades para homens e rapazes se envolverem num diálogo que inclua mulheres e raparigas.
- Procure desenvolver habilidades em torno da comunicação positiva e da tomada de decisão partilhada entre os géneros dentro dos casais e famílias, em todas as atividades do programa.



O QUE NÃO FAZER Ignorar a escala e a sustentabilidade para alcançar impacto.

- Considere como alcançar populações ou comunidades inteiras e como manter esses esforços ao longo do tempo.
- Procure construir estratégias eficazes de engajamento masculino em políticas, instituições e sistemas, por exemplo, saúde, educação, local de trabalho e governo.
- Use uma das estratégias e atividades de engajamento masculino baseadas em evidências, sempre que possível.

Para obter mais recursos, visite www.igwg.org/priority-areas/male-engagement

Citação sugerida: J. Pulerwitz, A. Gottert, M. Betron, and D. Shattuck on behalf of the Male Engagement Task Force, USAID Interagency Gender Working Group (IGWG). 2019. "Do's and don'ts for engaging men & boys." Washington, D.C.: IGWG.

A elaboração deste documento foi possível graças ao apoio do povo americano por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O conteúdo deste documento é da responsabilidade exclusiva dos autores e não reflete necessariamente as opiniões da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.

